

Sexta-feira, 15 de Agosto de 1958

RUBEM BRAGA

MISTÉRIO

NÃO consegui entender ainda o sentido dêsse desembarque de marinheiros argentinos na ilha de Snipe. Meu primeiro palpite foi de que teria sido uma iniciativa de elementos da Marinha para criar dificuldades a Frondizi e pôr em xeque sua autoridade, ao mesmo tempo que se apresentavam como patriotas decididos. Parece, entretanto, que o governo de Buenos Aires foi que ordenou o desembarque; pelo menos é isso o que afirma o ministro da Marinha.

Nesse caso teria havido apenas o desejo de atrair a atenção do povo para um incidente de fronteira, no momento em que as dificuldades internas de nossos vizinhos do Sul são tão grandes e notórias. Custa a crer, porém, que Frondizi concebesse um golpe tão infantil. Velho campeão de um maior entendimento entre os povos e governos latino-americanos, Frondizi antes de tomar posse visitou o Chile. Um amigo meu chileno, que estava nessa ocasião em Santiago, disse que a recepção ao presidente eleito da Argentina teve um calor popular autêntico; a gente do povo se juntava espontaneamente para ver e aplaudir Frondizi. Ele não pode ter deixado de sentir isso.

Ora, a ilha de Snipe, como outras daquele fim de mundo, é objeto de uma longa disputa entre os dois países. Cada um dêles traça a seu modo o canal de Beagle, e eu é que não vou dizer quem tem razão. O caso, porém, é que não há choques de qualquer espécie, em sítios tão remotos e áridos; nem há, no momento, motivo algum para que uma das partes procure afirmar, pela ocupação positiva, os seus direitos. Não se trata, enfim, de uma fronteira povoada, viva, onde possam surgir incidentes entre populações ou autoridades locais. Não se consegue ver, além disso, que interesse teria a Argentina em provocar uma questão internacional em hora tão atrapalhada.

Esperemos que, seja qual for o mistério atrás de tudo isso, os dois governos se entendam com rapidez, deixando a questão de limites para resolver em outro momento, serenamente. A ocasião não pode ser pior para provocar atritos na América do Sul, e um prolongamento dêsse incidente aconselharia inclusive que o presidente Juscelino adiasse a sua visita a Buenos Aires, para não ferir susceptibilidades. Mas o fato é que ninguém me tira da cabeça que a Casa Rosada não foi de onde partiu a ordem para essa operação tão pouco pan-americana.